

## O HUMANISMO REVOLUCIONÁRIO EM FRANTZ FANON

**Jeadí Frazão Bezerra Júnior**

*Graduando do Curso de Psicologia da Faculdade Pio Décimo - SE,  
jeadifrazao@outlook.com ;*

**Francisco Diemerson de Souza Pereira**

*Professor Orientador. Doutorando em História Comparada pela  
Universidade Federal do Rio de Janeiro – RJ, diemerson@ufrj.br*

### Resumo

Trata-se de apresentar algumas reflexões sobre a questão do humanismo e da revolução na obra *Pele negra, máscaras brancas* de Frantz Fanon, cotejando os elementos presentes nesse livro com aqueles encontrados na coletânea *Alienação e Liberdade: escritos psiquiátricos*. Nos apoiamos, quando necessário, nas discussões presentes no pensamento do filósofo G.W.F. Hegel, tal como naquelas encontradas em bibliografia secundária. Nossa hipótese é de que as análises empreendidas pelo psiquiatra martinicano sobre temas como o racismo, colonialismo e o complexo de inferioridade implicam em uma noção de humanismo que possui um caráter intrinsecamente revolucionário, pois busca a compreensão dos “problemas humanos” no seu tempo histórico, evidenciando a necessidade de uma ação política direcionada para o futuro na medida em que se almeja romper com as condições de sociabilidade que estruturam o edifício do tempo presente. Realiza-se, portanto, uma pesquisa bibliográfica de caráter exploratório que almeja uma aproximação com a obra de Frantz Fanon, tendo em vista o aproveitamento das reflexões aqui desenvolvidas em futuros trabalhos.

**Palavras-chave:** Frantz Fanon, Particular, Universal, Humanismo, Revolução

## Introdução

O psiquiatra martinicano Frantz Fanon começou a ser conhecido no Brasil na segunda metade do ano de 1960. Particularmente, a familiarização com suas ideias se inicia pouco antes de sua morte, quando Jean Paul-Sartre e Simone de Beauvoir aqui estiveram. (GUIMARÃES, 2008; SOUZA, 2020)

Entre agosto e setembro de 1960, “Sartre estava entre nós” (GUIMARÃES, 2008, p. e o seu sucesso no país deve-se às “suas conferências sobre o colonialismo e a necessidade histórica das lutas de independência dos povos do Terceiro Mundo.” (GUIMARÃES, 2008, p. 101)

Pode-se retirar daí, portanto, o caráter de implicação social e política do intelectual engajado com as lutas de libertação colonial e de independência nacional – que ressoam na obra de Fanon - representada na figura do filósofo existencialista Jean Paul-Sartre, um divulgador indireto do pensamento fanoniano. (SOUZA, 2020).

No entanto, a recepção da obra de Frantz Fanon não se dá de modo tão simples. Ocorre que, após o primeiro contato da esquerda com a obra “*Os Condenados da Terra (1961)*” paira sobre o país os ditames do golpe militar de 1964, que exilara militantes e mantinha em clandestinidade aqueles que efetivamente se interessavam pelo tema da violência revolucionária (GUIMARÃES, 2008).

Argumenta-se também que a conexão de Fanon com Sartre - que assina o prefácio de *Os Condenados da Terra* - fez com que esse escrito lançasse uma sombra sobre os outros componentes da obra fanoniana. (GORDON, 2008). E, há ainda, quem diga que o pensador marxista “Michel Löwy, por exemplo, se lembra de ter discutido o prefácio de Sartre com seus companheiros em São Paulo, provavelmente ainda em dezembro de 1961” (GUIMARÃES, 2008, p. 103).

Assim, o que se lê sobre Fanon nos anos 60 é muito pouco. A situação muda, todavia, nos anos de 1970 e 1980, com os jovens estudantes negros que o consideravam ideólogo da revolução na democracia racial, mas também em 2008, com o lançamento de *Pele negra, máscaras brancas* pela editora da Universidade Federal da Bahia. (GUIMARÃES, 2008). Cabe mencionar também o lançamento da coletânea *Alienação e Liberdade: escritos psiquiátricos* e o relançamento de

*Pele negra, máscaras brancas*, ambas as obras pela Ubu Editora, no ano de 2020.

Se, portanto, percebemos que a reflexão sobre o pensamento fanoniano está na ordem do dia. Então, estudá-lo, refletir sobre suas contribuições e carências, disputar o estatuto político de sua obra fazem parte das tarefas candentes para os desafios de nosso tempo.

Com esse sucinto preâmbulo acerca da recepção da obra fanoniana em terras brasileiras, cabe-nos fazer mais uma questão. Se, em *Pele negra, máscaras brancas* fica evidente a falta de desejo do autor de “preparar o mundo que o sucederá” e a conformação de sua atuação política à sua época, não seria anacronismo buscar em suas obras as respostas para as problemáticas do tempo presente?

Não pretendemos aqui assumir a postura “[...] insolente de quem detém a questionável sorte de viver mais tarde, obrigado por sua profissão a ocupar-se daquele sobre quem tem de falar, de destinar soberanamente ao morto seu lugar, colocando-se de algum modo acima dele” (ADORNO, 2013, p. 71). Mas, pelo contrário, intencionamos uma postura crítica de quem pretende reconhecer as contribuições fanonianas para os problemas do tempo presente.

Ora, analisando os sintomas provenientes dessa infraestrutura econômica que se perpetua e se epidermiza na produção subjetiva, cultural, identitária, há de se perguntar onde, como e quando emergirá o “clarão do mundo novo”. Sabemos que “a forma política do capitalismo dá o limite da própria liberdade da vontade democrática” (MASCARO, 2013, p. 87). E que, nesse caso, “a ação revolucionária é interdita” (MASCARO, 2013, p. 87).

Contudo, consideramos que

[...] não é difícil ver que nosso tempo é um tempo de nascimento e trânsito para uma nova época. O espírito rompeu com o mundo de seu ser-ai e de seu representar, que até hoje durou; está a ponto de submergi-lo no passado, e se entrega à tarefa de sua transformação [...] Do mesmo modo, o espírito que se forma lentamente, tranquilamente, em direção à sua nova figura, vai desmanchando tijolo por tijolo o edifício de seu mundo anterior. Seu abalo se revela apenas por sintomas isolados; a frivolidade e o tédio que invadem o que ainda subsiste, o pressentimento vago de um desconhecido são os sinais precursores de algo diverso que se avizinha. Esse desmoronar-se

gradual, que não alterava a fisionomia do todo, é interrompido pelo sol nascente, que revela num clarão a imagem do mundo novo. (HEGEL, 2003, p. 31)”

Nessa perspectiva, este trabalho tem como objetivo apresentar algumas reflexões sobre a questão do humanismo e da revolução na obra *Pele negra, máscaras brancas* de Frantz Fanon. Faremos uso, também, de elementos presentes na coletânea *Alienação e liberdade: escritos psiquiátricos*. Nos apoiamos, na medida em que achamos necessário, nas discussões que fazem parte do pensamento do filósofo G.W.F. Hegel, tal como naquelas encontradas em bibliografia secundária.

## Metodologia

Quanto aos objetivos, trata-se de pesquisa exploratória, pois segundo Antônio Carlos Gil (2008) as pesquisas exploratórias tem como mote principal o desenvolvimento, esclarecimento e modificação de conceitos e ideias, visando a formulação de problemas precisos em estudos posteriores. Além disso, este trabalho se desenvolveu “[...] a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos” (GIL, 2008, p. 71) e, configurando-se, portanto, como pesquisa bibliográfica.

## Referencial teórico

### A análise fanoniana e o papel da crítica: alienação colonial e Ciências Humanas

Na introdução de *Pele negra, máscaras brancas*, Fanon diz: “A análise que empreendemos é psicológica” (FANON, 2008, p. 28). No mesmo parágrafo, todavia, o autor evidencia a base sob a qual se estabelecerão as suas reflexões sobre o racismo, colonialismo, complexo de inferioridade, alienação e humanismo, a saber, que “a verdadeira desalienação do negro implica uma súbita tomada de consciência das realidades econômicas e sociais” (FANON, 2008, p. 28)

Se, na tradicional filosofia hegeliana, dir-se-á que “o verdadeiro é o todo” (HEGEL, 2003, p. 36) ao seguir esta linha de raciocínio, Fanon afirmará a primazia da relação dialética entre os planos subjetivo e

objetivo de modo que isso evidencie seu posicionamento de que “a realidade exige uma compreensão total” (FANON, 2008, p. 29)

A razão pela qual a solução dos problemas referentes ao racismo e ao colonialismo se dá, obrigatoriamente, por meio de dois pólos (subjetivo e objetivo) é que o complexo de inferioridade existe na medida em que é resultante de um processo que consiste também em duas etapas. O primeiro passo desse processo se dá através de mecanismos econômicos (objetivos) e a sua segunda etapa consiste na internalização dessa inferioridade (subjetivação) (FANON, 2008).

Por esse motivo:

“os processos pelos quais o colonialismo se constitui, bem como as suas implicações traumáticas para a subjetividade do colonizado, só se tornam inteligíveis quando tomados em suas determinações historicamente concretas: a modernidade capitalista e a sua necessidade de converter o que é genuinamente humano em objeto de sua acumulação” (FAUSTINO, 2018, p. 151)

Nesse livro, Fanon explica a alienação colonial como “forma específica de exploração capitalista” (FAUSTINO, 2013, p. 220). Em outros termos, trata-se dos germes da forma-mercadoria provenientes do edifício da sociedade moderna, “fazendo com que brancos (colonizadores) e negros (colonizados), vivenciem cada qual a seu modo, a negação de sua humanidade” (FAUSTINO, 2013, p. 220).

Sabemos que “Fanon é mais conhecido como um revolucionário (GORDON, 2008, p. 11)” mas, certamente, elaborou um edifício teórico e prático consistente, rigoroso, eminentemente crítico, revolucionário e humanista.

Isto se exemplifica, por exemplo, na crítica voraz direcionada ao estatuto científico das ciências humanas, na seguinte asserção:

“Há um drama no que convencionou-se chamar de ciências humanas. Devemos postular uma realidade humana típica e descrever as suas modalidades psíquicas, levando em consideração apenas a ocorrência de imperfeições; ou, ao contrário, devemos tentar sem descanso uma compreensão concreta e sempre nova do homem?” (FANON, 2008, p. 37)

Ou seja, sobre o que essas ciências devem se dedicar? À postulação de fenômenos psicológicos e de uma realidade “normais” e

na identificação e esquadramento de “anormalidades”, distúrbios, falhas, sintomas? Ou, de modo avesso, deveria se dedicar uma compreensão concreta da realidade e do homem em vista de transformar ambos?

Se nos atermos à última alternativa, entenderemos que: “[...] após ter descrito a realidade, o pesquisador se propõe a modificá-la. Aliás, em princípio, a intenção de descrever parece implicar uma preocupação crítica e, por conseguinte, uma exigência de superação em busca de uma solução.” (FANON, 2008, p. 145). Nesse sentido, “Fanon nos lembra que a arte da nossa luta envolve entender as dimensões críticas do ato de questionar [...]” (GORDON, 2008, p. 17)

Vejamos, posteriormente, como esta segunda alternativa relaciona-se com a noção de um certo humanismo revolucionário presente na obra fanoniana. Antes, algumas considerações sobre o universalismo, a neurose e a *négritude*.

### **As máscaras das relações de sociabilidade coloniais: neurose, universalismo e *négritude***

Compreendemos, com Marx (2010, p. 80), que: “Com a valorização do mundo das coisas (Sachenwelt) aumenta em proporção direta a desvalorização do mundo dos homens (Menschenwelt)”.

Para Fanon (2008, p. 34): “Todo povo colonizado - isto é, todo povo no seio do qual nasceu um complexo de inferioridade devido ao sepultamento de sua originalidade cultural - toma posição diante da linguagem da nação civilizadora, isto é, da cultura metropolitana”. E, “quando encontramos uma pessoa nova, falamos; só nos resta falar. É a linguagem que rompe o silêncio e os silêncios” (FANON, 2020, p. 264). Essa atribuição dada ao fenômeno da linguagem implica na noção de que “[...] falar é existir absolutamente para o outro” (FANON, 2008, p. 33).

Reconhece-se, portanto, que:

“[...] a colonização não se limita à subordinação material de um povo, pois ela também fornece os meios pelos quais as pessoas são capazes de se expressarem e se entenderem, estando, portanto, no cerne da linguagem, nos métodos pelos quais as ciências são construídas, na produção cultural como a literatura, o teatro e o cinema.” (ROCHA, 2015, p. 114)

As consequências políticas desse tipo de análise nos implica na resolução de uma problemática instaurada no cerne da sociabilidade capitalista. Nesse caso, se trata de reconfigurar a gramática sob a qual reconhecemos os valores da cultura de um povo e, partindo disso, transformar as relações sociais pela via do discurso, dos meios simbólicos e culturais?

Vejam como a análise crítica fanoniana permite uma aproximação com diferentes estratos e correntes teórico-políticas que influenciarão seu modo de pensar e agir. Falamos, nessa ocasião, da psicanálise, da filosofia e, também, do movimento da *négritude*.

Destacaremos, portanto, as contribuições teóricas e políticas que surgiram na literatura consultada.

Segundo Deivison Mendes Faustino (2020, p. 78):

“Fanon reconhecia a legitimidade histórica da luta antirracista e dos movimentos de afirmação cultural diante da negação colonial na medida em que eles confrontam os valores racistas europeus, sem, contudo, abrir mão de apontar-lhes os limites históricos, políticos, teóricos e ideológicos.”

Os complexos narrados por Frantz Fanon não se dão por um acontecimento arbitrário ou em função de alguma identificação simbólica relativa a um complexo inerente ao sujeito, pois: “A inferiorização é o correlato nativo da superiorização européia. Precisamos ter a coragem de dizer: é o racista que cria o inferiorizado” (FANON, 2008, p. 90).

O que significa, então, falar em termos de neurose? Para Fanon, a estrutura neurótica indica a formação de nódulos conflitivos no ego que são provenientes, de modo concomitante, do meio ambiente e da maneira pela qual o indivíduo se posiciona diante dessas influências (FANON, 2008).

Com isso, pode-se afirmar que “[...] é pelo seu interior que o negro vai tentar alcançar o santuário branco” (FANON, 2008, p. 60). E, sabendo que “em sua perspectiva, negro e branco não existem a priori, seriam antes produtos da situação colonial” (FIGUEIRÓ, 2020, p. 89), como aparece, na obra fanoniana, essa relação entre indivíduo, sociedade e cultura?

No capítulo “A experiência vivida do negro” Fanon descreve: “Cheguei ao mundo pretendendo descobrir um sentido nas coisas, minha alma cheia do desejo de estar na origem do mundo, e eis que me descubro objeto em meio a outros objetos” (FANON, 2008, p. 103).

Essa reificação proposta pelo colonialismo coloca o europeu como representante universal do ser humano, aprisionando o colonizado de acordo com referências fetichizadas de emotividade, virilidade, sensualidade e infantilidade. Tudo que permita compreendê-lo como o mais próximo da natureza e distante da civilização. Se não for apresentado como exótico ou colocado em contraponto ao entendimento de Humano, aparecerá como tudo que há de ruim (FAUSTINO, 2013).

Nessa perspectiva, ocorre um duplo enclausuramento através de um drama narcísico particularista. Ambos, o branco e o negro, confrontam-se com suas particularidades identitárias e, em determinadas ocasiões, vislumbram algumas saídas que são, posteriormente, ameaçadas pelas origens (FANON, 2008).

“É esta a raiz da figuração do colonizado como um ser enclausurado em seu corpo, tido quase sempre como bruto, rústico e emocionalmente instável, em contraposição ao europeu, apresentado sempre como expressão universal das qualidades úteis ao controle do mundo. Tanto a pretensa europeização da razão ou do sujeito, quanto a objetificação reificada do negro – ou não branco/ocidental/europeu –, são expressões deste mesmo processo de racialização” (FAUSTINO, 2018, p. 154).

No mesmo capítulo, Fanon expressa o sentimento de perda de si característico da alienação colonial, ao perguntar: “O que é que isso significava para mim, senão um desalojamento, uma extirpação, uma hemorragia que coagulava sangue negro sobre todo o meu corpo?” (FANON, 2008, p. 106).

Segundo Faustino (2013, p. 228):

“o movimento de negritude, enquanto preso a um presente desesperançado, sem perspectiva no futuro segue afirmando um passado específico ao invés de atuar para desmistificar a ilusão colonial que exclui os africanos e seus descendentes da possibilidade de serem reconhecidos (e se reconhecerem) como universalidade”.

O que se encontra instaurado no imaginário da sociedade colonial não se dissolve tão facilmente, pois está estabelecido que “os pretos são selvagens, estúpidos, analfabetos” (FANON, 2008, p. 109). E, embora sabendo que não era este o seu caso, Fanon considera que



“havia um mito do negro que era preciso, antes de mais nada, demolir” (FANON, 2008, p. 109).

Essa recusa de uma ontologia racial a priori aparece como uma faceta do antirracismo sartreano (FAUSTINO, 2020) e a negritude, por sua vez, como uma negação à via do universalismo branco pela afirmação de uma cultura negra que possuía em si originalidade e valores positivos (ROCHA, 2015).

“Se o colonialismo definiu como essencialmente negro a emoção, o corpo, a virilidade, ludicidade, mas, sobretudo, classificou hierarquicamente estes elementos como inferiores, frente à não menos fetichizada (e ilusória) imagem criada para o Europeu – Razão, civilização, cultura, universalidade -, o movimento de negritude, sem romper com estes fetichismos, apenas inverteu os polos da hierarquia, passando a considerar como positivo àquilo que o colonialismo classificou como inferior.” (FAUSTINO, 2013, p. 227)

Continuemos com a descrição realizada em “A experiência vivida do negro”.

“Em outras palavras, começo a sofrer por não ser branco, na medida que o homem branco me impõe uma discriminação, faz de mim um colonizado, me exirpa qualquer valor, qualquer originalidade, pretende que seja um parasita no mundo, que preciso que eu acompanhe o mais rapidamente possível o mundo branco [...]” (FANON, 2008, p. 94).

Neste capítulo, Fanon descreve a experiência de confrontação com os desdobramentos das relações sustentadas pelo empreendimento colonial. Nas páginas seguintes, descreve a adoção da tática da racionalização, de modo que pudesse “[...] mostrar ao branco que ele estava errado” (FANON, 2008, p. 110). Adiante, levanta a ilusória vitória da racionalidade e as contradições desse modo de ação política, afirmando que “a razão assegurava a vitória em todas as frentes. [...] No plano das ideias, estávamos de acordo: o negro é um ser humano. [...] Mas o branco, em determinadas questões, continuava irredutível” (FANON, 2008, p. 111).

Diante da aparente indissolubilidade da problemática colonial, Fanon realiza um balanço de seus posicionamentos e argumenta que

“[...] quando tentava, no plano das ideias e da atividade intelectual, reivindicar minha negritude, arrancavam-na de mim” (FANON, 2008, p. 120). E, logo após, enuncia: “tomo esta negritude e, com lágrimas nos olhos, reconstituo seu mecanismo. Aquilo que foi despedaçado é, pelas minhas mãos, lianas intuitivas, reconstruído, edificado” (FANON, 2008, p. 124).

### Removendo as máscaras: o humanismo revolucionário

Segundo Fanon, “uma das coisas mais difíceis, tanto para uma pessoa como para um país, é manter sempre presentes diante dos olhos os três elementos do tempo: passado, presente e futuro” (FANON, 2020, p. 264). O que está em jogo é, portanto, “[...] a necessidade da memória, a fim de realizar essa união de passado, presente e futuro” (FANON, 2020, p. 265).

Para ele, “o entusiasmo é, por excelência, a arma dos impotentes” (FANON, 2008, p. 27). Trata-se aqui da certeza subjetiva hegeliana, pois essa posição coincide com o “entusiasmo que irrompe imediatamente com o saber absoluto - como num tiro de pistola - e descarta os outros pontos de vista, declarando que não quer saber nada deles” (HEGEL, 2003, p. 41).

Se, na introdução desse trabalho, vimos que Fanon reconhecia seu pertencimento incontornável à sua época, na conclusão de sua tese de doutoramento rejeitada (NOGUERA, 2020) ele enuncia: “de modo algum devo me empenhar em ressuscitar uma civilização negra injustamente ignorada. Não sou homem de passados. Não quero cantar o passado às custas do meu presente e do meu dever” (FANON, 2008, p. 187)

Afinal de contas, “o indochinês não se revoltou porque descobriu uma cultura própria, mas ‘simplesmente’ porque, sob diversos aspectos, não lhe era mais possível respirar” (FANON, 2008, p. 187).

Deivison Mendes Faustino nos diz que a relação de Frantz Fanon com os referenciais da psicanálise, psiquiatria, existencialismo, marxismo, antirracismo e *négritude*

“[...] é sempre mediada por uma crítica que reconhece e se apropria daquilo que auxilia a elucidar o dilema colonial sem, contudo, deixar de apontar seus limites teóricos e políticos para, em seguida, propor, a partir

dela, outra maneira de abordá-la.” (FAUSTINO, 2020, p. 79)

Segundo Faustino (2018) há uma visão sobre a obra de Fanon em que a racialização colonial implicaria a constituição da sociedade moderna de tal forma que não seria antitético associar diretamente o colonialismo e o humanismo como sua versão efetivada.

Defrontando-se com o universalismo compulsório proveniente da situação colonial, que se imbrica na valorização de pressupostos éticos, políticos e estéticos europeus, a ação política se limitaria à desconstrução dos discursos, representações, performatizações e jogos de significação.

Contudo, uma observação rigorosa dos textos fanonianos mostrará que suas ações práticas não prescindem da necessidade que leva à criação de novas representações, mas compreende essas mudanças no campo do simbólico como conquistas da processualidade da luta política. Pois “é na transformação radical da sociedade colonial, enquanto ente existente no mundo concreto - e não apenas no discurso - que novas representações podem vir à tona” (FAUSTINO, 2018, p. 156).

Nesse sentido, o objetivo da transformação social seria demolir “a fantasmagórica e hierárquica contraposição binária entre Branco x Negro [...]” (FAUSTINO, 2018, p. 154) onde ambas constituem-se como identidades fixas, culminando em uma percepção empobrecedora de si e do mundo.

À afirmação feita, na introdução deste trabalho, que o capitalismo necessariamente “[...] dá o limite da própria liberdade da vontade democrática” (MASCARO, 2013, p. 87) se poderia acrescentar que:

“A negação da humanidade plena e igualitária permite à opressão estabelecer os limites entre as formas de organização e contestação que podem ser vistas como política e aquelas que não, entre o que é a sociedade civil e o que é um setor engajado considerado irracional, criminoso e conspirativo” (Instituto Tricontinental de Pesquisa Social, 2020, p. 14).

Na introdução de *Pele negra, máscaras brancas*, Fanon evidencia a necessidade de condução da luta política nos planos objetivo e subjetivo, de modo que uma libertação unilateral não poderia ocorrer e, tampouco, uma dependência automática. Ora, “os fatos, além do mais, se opõem a tal tendência sistemática.” (FANON, 2008, p. 28).

Além do mais “a função de uma estrutura social é implementar instituições atravessadas pela preocupação com o homem. Uma sociedade que acua seus membros e os força a soluções desesperadas é uma sociedade inviável, uma sociedade a ser substituída” (FANON, 2020, p. 294).

“Eis na verdade o que se passa: como percebo que o preto é o símbolo do pecado, começo a odiá-lo. Porém constato que sou negro. Para escapar ao conflito, duas soluções. Ou peço aos outros que não prestem atenção à minha cor, ou, ao contrário, quero que eles a percebam. Tento, então, valorizar o que é ruim – visto que, irrefletidamente, admiti que o negro é a cor do Mal. Para pôr um termo a esta situação neurótica, na qual sou obrigado a escolher uma solução insana, conflitante, alimentada por fantasmagorias, antagônica, desumana enfim, – só tenho uma solução: passar por cima deste drama absurdo que os outros montaram ao redor de mim, afastar estes dois termos que são igualmente inaceitáveis e, através de uma particularidade humana, tender ao universal” (FANON, 2008, p. 166).

Se, anteriormente, dissemos que a psicanálise somente mostraria as anomalias afetivas existentes na estrutura dos complexos e, portanto, seu uso em si não implicava uma transformação total destes, é em razão das asserções de Fanon sobre o seu humanismo revolucionário. Em sua análise, ele afirma: “Estimamos que o indivíduo deve tender ao universalismo inerente à condição humana” (FANON, 2008, p. 27-28).

Para o psiquiatra martinicano “o único método de ruptura com este círculo infernal que me reenvia a mim mesmo é restituir ao outro, através da mediação e do reconhecimento, sua realidade humana, diferente da realidade natural” (FANON, 2008, p. 181). Por isso, somente “[...] a práxis revolucionária teria o poder de negar o estatuto colonial em todas as suas dimensões, restituindo a esse “outro” reificado a sua posição de sujeito de si, ascendendo, assim, de objeto “inessencial” a um novo homem [...]” (FAUSTINO, 2018, p. 158).

Chegando à esta compreensão, Fanon justifica seus posicionamentos teórico-políticos no seguinte parágrafo:

“Se para mim, a um certo momento, colocou-se a necessidade de ser efetivamente solidário com um determinado passado, fi-lo na medida em que me comprometi comigo mesmo e com meu próximo em um combate com todo o meu ser, com toda a minha força, para que nunca mais existam povos oprimidos na terra” (FANON, 2008, p. 188)

Tal como Fanon, não nos levemos à ingenuidade “[...] de acreditar que os apelos à razão ou ao respeito pelo homem possam mudar a realidade” (FANON, 2008, p. 185). Pensemos em uma das poéticas frases dele em *Pele negra, máscaras brancas*: “[...] é superando o dado histórico, instrumental, que introduzo o ciclo de minha liberdade” (FANON, 2008, p. 190).

## Considerações finais

Pensar em humanismo revolucionário pode soar contraintuitivo em uma primeira aproximação, em virtude de certas noções humanistas historicamente determinadas que apregoavam um humanismo abstrato e universal que não se alçava ao homem concreto em suas relações sociais e produções simbólicas, culturais e de identidade.

Argumentamos, neste artigo – e considerando as delimitações em termos de extensão do trabalho – que o pensamento fanoniano acerca do humanismo representa o oposto. Isto é, partindo do homem concreto e de determinadas imbricações históricas, sociais, políticas e individuais, sua análise coloca-o diante da problemática incontornável de superação daquilo que “[...] justamente por ser bem-conhecido, não é reconhecido” (HEGEL, 2003, p. 43).

A análise da relação sujeito-objeto, os limites da certeza sensível, da razão, de perspectivas essencialistas ou que impõem princípios básicos e resultados válidos sem qualquer análise ulterior demonstram que o descuido teórico limita os saberes a determinar se aquilo que se representa em forma de produção de conhecimento corresponde com o objeto estudado, deixando aquilo que está pressuposto no conhecimento como válido e imutável, independente do caráter e da natureza histórica dos saberes e das relações de poder político e social que eles podem legitimar – ou, como é o caso – contestar.

Quando argumentam, os marxistas – e, nesse caso, Fanon – que a universalidade é pisoteada na sociedade burguesa – que, aliás,

trouxe-nos a “violência, desmesura, desperdício, mercantilismo, exagero, gregarismo, a estupidez, a vulgaridade, a desordem” (CÉSAIRE, 2010, p. 76) – não se trata da universalidade fantasmagórica engendrada por essa sociedade que não se propõe a resolver os problemas humanos, mas da “universalidade em sua concretude” (LOSURDO, 2018). Isto é, da universalidade em sua relação dialética com as configurações particulares da opressão.

E, com isso:

“Devemos estar persuadidos que o verdadeiro tem a natureza de eclodir quando chega o seu tempo, e só quando esse tempo chega se manifesta; por isso nunca se revela cedo demais nem encontra um público despreparado. Também devemos convencer-nos de que o indivíduo precisa desse efeito para se confirmar no que para ele é ainda sua causa solitária, e para experimentar como algo universal a convicção que, de início, só pertence à particularidade. (HEGEL, 2003, p. 70)”

Sendo assim, lembremos Gonzaguinha em “Semente do Amanhã”:  
Ontem um menino que brincava me falou; Hoje é semente do amanhã; Para não ter medo que este tempo vai passar; Não se desespere e nem pare de sonhar; Nunca se entregue, nasça sempre com as manhãs; Deixe a luz do sol brilhar no céu do seu olhar; Fé na vida, fé no homem, fé no que virá; Nós podemos tudo, nós podemos mais; Vamos lá fazer o que será<sup>1</sup>.

## Referências

ADORNO, Theodor W. **Três estudos sobre Hegel**. 1. ed. São Paulo: Unesp, 2013. CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o colonialismo**. Tradução Anísio Garcez Homem. 2. ed.-Curitiba, PR. Letras Contemporâneas, 2010.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução Renato Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

1 <https://www.lettras.mus.br/gonzaguinha/280650/>

FANON, Frantz. **Alienação e liberdade: escritos psiquiátricos**. Tradução Sebastião Nascimento. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

FIGUEIRÓ, Lucas Woltmann. Na pista de Frantz Fanon: notas sobre alienação e racismo. **UNITAU**, v. 13, n 3, p. 87 – 101, 2020.

FAUSTINO, Deivison Mendes. Colonialismo, racismo e luta de classes: a atualidade de Frantz Fanon. **V Simpósio Internacional Lutas Sociais na América Latina**. (Anais) p. 216-232, 2013

FAUSTINO, Deivison Mendes. Frantz Fanon: capitalismo, racismo e a sociogênese do colonialismo. **SER Social**, Brasília, v. 20, n. 42, p. 148-163, jan.-jun./2018, FAUSTINO, Deivison Mendes. Sartre, Fanon e a dialética da negritude: diálogos abertos e ainda pertinentes. **Rev. ENTRELETRAS.**, v. 11, n. 2, p. 74-101, 2020.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GORDON, Lewis. Prefácio. In: FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

GUIMARAES, Antonio Sérgio Alfredo. A recepção de fanon no Brasil e a identidade negra. **Novos estud. - CEBRAP**, São Paulo , n. 81, p. 99-114, Julho, 2008.

HEGEL, G. W. F. **Fenomenologia do Espírito**. Tradução Paulo Meneses. 2.ed.– Petrópolis, RJ: Vozes, 2003

Instituto Tricontinental de Pesquisa Social. Dossiê nº 26. **Frantz Fanon: O brilho do Metal**, 2020.

LOSURDO, Domenico. Marxismo e comunismo nos 200 anos do nascimento de Marx, pp. 184-202, 2018. In: LOSURDO, Domenico. **Colonialismo e luta anticolonial: desafios da revolução no século XXI** (Org. Jones Manoel). Tradução Diego Silveira e colaboradores, 1, ed. – São Paulo: Boitempo, 2020.

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo, SP: Boitempo, 2010.

MASCARO, Alysson Leandro. **Estado e forma política**. São Paulo, SP: Boitempo, 2013.

NOGUERA, Renato. Fanon: uma filosofia para reexistir. In: FANON, Frantz. **Alienação e liberdade: escritos psiquiátricos**. Tradução Sebastião Nascimento. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

ROCHA, Gabriel dos Santos. Antirracismo, negritude e universalismo em Pele negra, máscaras brancas de Frantz Fanon. **Sankofa – Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana**. v. 08, n. 15, p. 110-119, 2015.

SOUZA, Ronaldo Tadeu de. É preciso ler Frantz Fanon: Filosofia, Psicanálise e Teoria Social. **Cadernos Cemarx**, nº 13, pg 01-08, 2020.